

FEUERBACH: TRANSCENDER PARA O AQUÉM

*Lindoaldo Campos*¹

Tudo depende do que não existe.
(Fernando Pessoa)

Resumo:

A partir da ideia de que “o mistério da teologia é a antropologia”, Feuerbach instaura as bases do pensamento crítico da modernidade. Não se trata de uma simples negação da noção de Deus, mas de uma desmistificação da fundamentação teológica do fenômeno religioso para remetê-lo ao próprio ser humano, não para tolher o fenômeno religioso, mas, ao contrário, para reconhecer seu âmbito próprio e, deste modo, impulsionar-lhe ainda mais *de e em* direção ao próprio homem, sua origem e destino. Cuida-se, em suas palavras, de possibilitar “o conhecimento da religião para a promoção da liberdade humana, da autonomia e do amor”. É neste sentido que este escrito pretende-se um incipiente contributo para a apresentação e o equacionamento da perspectiva feuerbachiana sobre a religiosidade.

Palavras-chave: Feuerbach. Religiosidade. Antropologia.

Abstract:

From the idea that "the mystery of the theology is the anthropology", Feuerbach establishes the foundation of critical thinking of modernity. It is not a simple denial of the notion of God, but a demystification of the theological foundation of the religious phenomenon to submit it towards the human being, not to hinder the religious phenomenon, on the contrary, to recognize its own scope, consequently, boosting it even more from the man to the man himself, his origin and destination. It is about, in Feuerbach's words, to enable "the religion knowledge to promote human freedom, autonomy and love". This is why this writing intends to an incipient contribution to the presentation and the equationing of Feuerbach's perspective on religiosity.

Keywords: Feuerbach. Religiosity. Anthropology.

¹ Mestre (UFRN) e Doutorando em Filosofia (UFPE/UFPB/UFRN). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN.

Prelúdio: Feuerbach, religioso iconoclasta

Erguendo os braços para o Céu distante
e apostrofando os deuses invisíveis,
os homens clamam: - “Deuses impassíveis,
a quem serve o destino triunfante,

Porque é que nos criastes?! Incessante
corre o tempo e só gera, inextinguíveis,
dor, pecado, ilusão, lutas horríveis,
num turbilhão cruel e delirante...

Pois não era melhor na paz clemente
do nada e do que ainda não existe,
ter ficado a dormir eternamente?

Porque é que para a dor nos evocastes?”
Mas os deuses, com voz inda mais triste,
dizem: - “Homens! Porque é que nos
criastes?!”

(Antero de Quental,
Divina comédia)

Se, por um lado, a notoriedade que o filósofo Ludwig Feuerbach hoje possui talvez se deva, em grande medida, às teses marxianas que carregam seu nome – quiçá a mais famosa delas: “Os filósofos se limitaram a *interpretar* o mundo de diferentes maneiras; o que importa é *transformá-lo*” (MARX, 1999, p. 14 e 128)² –, por outro lado, do mesmo modo e na mesma proporção, quiçá essa circunstância tenha contribuído para a existência de muitos e profundamente danosos equívocos oriundos de interpretações reducionistas sobre o pensamento do autor de *A essência do cristianismo*³.

Seja. De todo modo, indubitável, todavia, é a importância da análise feuerbachiana para a filosofia moderna e contemporânea, porquanto dos mais nítidos e relevantes pontos

² Termos gerais, Marx critica Feuerbach porque entende que sua análise sobre a religião não teria ultrapassado o horizonte teológico e, por conseguinte, não teria alcançado a dimensão social da alienação. Cfr. MARX, A ideologia alemã (*Feuerbach*) (título original: *Die Deutsche Ideologie. Kritik der neuesten deutschen Philosophie in ihren Repräsentanten Feuerbach, B. Bauer und Stirner, und des deutschen Sozialismus in seinen verschiedenen Propheten*). 11 ed. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1999. (Coleção Pensamento Socialista, 12).

³ A exemplo de Nietzsche, quando assinala: “Fichte, Schelling, Hegel Feuerbach Strauss – tudo isso cheira a teólogos e patriarcas eclesiais” (*Fragmentos póstumos*, 1884, 26(412), in *Fragmentos do espólio*, (primavera de 1884 a outono de 1885). Seleção, tradução e prefácio de Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 219).

de transição entre o *idealismo alemão* e o *materialismo cientificista* da segunda metade do século XIX.

Filho do renomado jurista Paul Johann Anselm Ritter von Feuerbach⁴, Ludwig Andreas Feuerbach nasceu em Landshut, Alemanha, em 28 de julho de 1804 e faleceu em Nuremberg, no mesmo país, em 13 de setembro de 1872.

Inicialmente aluno devotado a Hegel (partícipe, inclusive, do grupo conhecido como *jovens hegelianos*), com a morte do antigo mestre em 1831 tentou substituí-lo na cátedra mas teve sua carreira universitária interrompida ante as virulentas críticas dirigidas a seu texto *Pensamento sobre a morte e a imortalidade (Gedanken über Tod und Unsterblichkeit)*, primeiro projétil dos vários que viria a lançar contra a teologia idealista, em uma batalha que culminaria com a edição de *A essência do cristianismo (Das Wesen des Christentums)*.

Autodeclarado tributário do pensamento de Kant (ASSUMPÇÃO, 2014, p. 92), admirador de Espinosa – “o primeiro que se apresentou numa oposição positiva à teologia” (FEUERBACH, 1989, p. 16)⁵ –, Feuerbach no entanto logo rompeu com o transcendentalismo e o panteísmo e terminou por inaugurar as bases do pensamento crítico da modernidade, com tal vigor, aliás, que se espalhou por perspectivas de pensadores tão relevantes quanto díspares como os filósofos Karl Marx, Søren Kierkegaard e Friedrich Nietzsche, o fundador da psicanálise Sigmund Freud e o antropólogo Lévy-Strauss⁶.

Os escritos de Feuerbach são comumente distribuídos em dois grandes períodos.

⁴ De Paul Johann Anselm Ritter von Feuerbach vale ainda registrar que foi o autor do Código Penal da Baviera, em que sinalizou a tendência de humanização da justiça penal, a exemplo da abolição da pena de tortura, reconhecido como o fundador do moderno Direito Penal alemão.

⁵ Cfr. tb. Eduardo F. Chagas, *A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach*. In: ____; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenez de (Orgs.). *Homem e natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009. (Série Filosofia). p. 37-65. Disponível em: <https://efchagasufc.files.wordpress.com/2012/04/texto-completo-1.pdf>.

⁶ A estes acrescente-se “o teólogo Strauss, o político Arnold Ruge, o socialismo verdadeiro, os vulgarizadores Heinzen, W. Marr, H. Everbeck, o biólogo Moleschott, o esteta Hermann Hettner, o poeta Herwegh, o realista Gottfried Keller, Richar Wagner também, quando este escreve A obra de arte do futuro” (Denis Huisman, *Dicionário dos filósofos*. Tradução de Cláudia Berliner et al. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 373). Sobre as implicações entre os pensamentos de Feuerbach e Kierkegaard, cfr. Jadson Teles Silva, *A influência de Feuerbach na crítica kierkegaardiana ao cristianismo*. Revista Pandora Brasil, n. 23 (Out./2010), p. 2-10. Disponível em: <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/Kierkegaard/jadson.pdf>. Sobre Feuerbach e Freud, cfr. Márcio Gimenez de Paula, *O futuro de uma ilusão: algumas reflexões entre Feuerbach e Freud*. Revista AdVerbum, a. 2, n. 2 (Jul.-Dez./2007), p. 161-171. Disponível em: <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbun/Vol2_2/feuerbach%20freud.pdf>. Sobre Feuerbach e Lévy-Strauss, cfr. Alice Aleixo, *Ludwig Feuerbach: um manifesto antropológico*. Covilhã: LusoSofia, 2009. (Coleção Artigos LusoSofia), p. 35.

Ao primeiro pertencem obras “marcadas por um modelo de racionalidade que vê no pensamento a única atividade capaz de superar as diferenças entre os indivíduos na unidade de um plano universal” (SERRÃO, apud SARTÓRIO, 2001, p. 14). Dentre outras: a *Dissertação sobre a razão* (*Dissertation über die Vernunft* ou *De ratione una, universali, infinita*, 1828 – com que obteve a livre-docência na Universidade de Erlagen), os já referidos *Pensamentos sobre a morte e a imortalidade* (*Gedanken über Tod und Unsterblichkeit*, 1830 – publicados anonimamente), a *Introdução à Lógica e à Metafísica* (*Einleitung in die Logik und Metaphysik*, 1829-1830), a *História da filosofia moderna* (*Geschichte der neueren Philosophie*, 1835-1836 – recolha de cursos oferecidos na cátedra) e a *Apresentação, desenvolvimento e crítica da filosofia leibniziana* (*Darstellung, Entwicklung und Kritik der Leibnizschen Philosophie*, 1837).

Do segundo período, caracterizado pelo rompimento com o hegelianismo e pela construção de seu próprio sistema filosófico, constam: *Contribuição à crítica da filosofia hegeliana* (*Zur Kritik der hegelschen Philosophie*, 1839), *A essência do cristianismo* (*Das Wesen des Christentums*, 1841), *Teses provisórias para uma reforma da Filosofia* (*Vorläufige Thesen zur Reform der Philosophie*, 1842), *Necessidade de uma reforma da Filosofia* (*Notwendigkeit einer Veränderung der Philosophie*, 1842), *Princípios da Filosofia do Futuro* (*Grundsätze der Philosophie der Zukunft*, 1843), *Essência da religião* (1845), *Questão da imortalidade do ponto de vista da antropologia* (1846), *Acerca de meus Pensamentos sobre a morte e a imortalidade* (1847), *Preleções sobre a Essência da religião* (*Vorlesungen über das Wesen der Religion*, 1851) e *A teogonia segundo as fontes da antiguidade clássica, hebraica e cristã* (1857)⁷.

Em todos esses escritos – nomeadamente nos últimos –, o mesmo ardor, a mesma força, a mesma ideia: “O mistério da teologia é a antropologia” (FEUERBACH, 1988c, p. 19; 1989, p. 23; 1997, p. 250). Trata-se, bem se vê, de um “corte decidido com a tradição cristã e com todos os elos do pensamento teológico, a que conscientemente e com fervor quase místico dá uma inflexão antropológica violenta e consequente” (MORÃO, 1988b, p. 10).

No entanto, desde logo é mister assinalar: não se trata de ateísmo. Pelo menos, não de um ateísmo pura e simplesmente negador da ideia de Deus, como o filósofo faz questão de sublinhar:

⁷ Denis Huisman noticia que a coletânea *Ludwig Feuerbach Sämtliche Schriften* (obras completas) foi publicada por Wilhem Bolin e Friedrich Jodl no período de 1903-1911 e reeditada por Hans-Martin Sass em 1959, em 13 volumes (op. cit., p. 373).

Quem não sabe dizer de mim senão que sou ateu não sabe nada de mim. A questão de se Deus existe ou não, a contraposição entre teísmo e ateísmo pertence aos séculos XVII e XVIII. Eu nego a Deus. Isso quer dizer, em meu caso: eu nego a negação do homem (...) A questão sobre o ser ou não ser Deus é em meu caso unicamente a questão sobre o ser ou não ser do homem. (FEUERBACH apud SARTÓRIO, 2001, p. 25)

Quando muito, ainda que pobremente referido, poder-se-ia dizer um *ateísmo prático* ou, na expressão do próprio Feuerbach, de uma *teologia especulativa* – para a qual ousamos cunhar o termo *religiosofia*, ante as razões expendidas no terceiro movimento deste texto.

Delineado o âmbito de sua investigação, Feuerbach lhe assinala o fundamento geral ao dizer que “os períodos da humanidade distinguem-se apenas por transformações religiosas” (FEUERBACH, 1988a, p. 14), de forma tal, aliás, que os fatores presentes na religiosidade não estariam apenas no âmago de cada indivíduo, mas mesmo nos laços de subjetividade presentes na formação do próprio Estado⁸.

Urge, pois, compreender a crítica de Feuerbach à teofilosofia idealista mediante a acentuação da *sensualidade*, por meio da crítica aos falsos antagonismos ente *corpo* e *espírito*, *consciência* e *sensibilidade*, promovendo uma reabilitação das sensações, da intuição, das pulsões (NIETZSCHE, 1998, p. 90).

Com o propósito de estruturar o presente texto em consonância com o andamento do pensamento de Feuerbach, seguir-se-á um caminho sugerido pelo próprio filósofo, quando assinala que seu primeiro pensamento foi Deus, o segundo a razão e o terceiro o homem (FEUERBACH, 1989, p. 14-29), bem como quando aduz que a unidade divina no homem é a unidade da *vontade*, da *razão* e do *amor* (FEUERBACH, 1997, p. 45).

In casu, tais elementos vinculam-se, respectivamente, a um primeiro movimento em que se patenteia a separação do homem (o que denominamos de *desligião*), a um segundo movimento onde se evidencia a conscientização dessa perda e da necessidade de

⁸ Sem pretender analisar a importante questão relativa à perspectiva feuerbachiana a respeito do tema, vale no entanto registrar um aspecto de sua “explicação subjetiva do Estado”: Deus, no sentido da religião, é o pai, o conservador, o providenciador, o guarda, o protetor, o regente e o senhor da monarquia mundial. Por isso, o homem não precisa do homem: tudo o que ele deve receber de si ou dos outros recebe-o imediatamente de Deus [...] Na explicação subjetiva do Estado, os homens reúnem-se pela simples razão de que não creem em Deus algum, porque negam inconscientemente, de modo instintivo e prático, a sua fé religiosa. Não é a fé em Deus, mas a desconfiança em Deus que funda os Estados. É a crença no homem como deus do homem que explica subjetivamente a origem do Estado (...) O Estado é a providência do homem. (FEUERBACH, 1988a, p. 16-17)

sua revinculação (uma *consciligião*) e, por fim, a um terceiro movimento em que se aponta os fundamentos de uma necessária reunidade (uma *religiosofia*).

Primeiro movimento: a desligião

Perdi-me dentro de mim
 porque eu era labirinto.
 E hoje, quando me sinto,
 é com saudades de mim.
 (Mário de Sá-Carneiro,
Dispersão)

O primeiro movimento da perspectiva feuerbachiana sobre a religião tem como pano de fundo sua crítica à denominada *filosofia especulativa*, que na Modernidade tem suas configurações mais acabadas no *idealismo alemão*, sobretudo no pensamento de Hegel, “a última grandiosa tentativa para restaurar o Cristianismo já perdido e morto através da filosofia” (FEUERBACH, 1988b, p. 63-64).

Isso porque, para Feuerbach, uma vez que “não suprime os dogmas da teologia, mas apenas os restabelece, unicamente os mediatiza a partir da negação do racionalismo”, “a filosofia especulativa é a teologia (...) racional” (1988b, p. 63 e 39). E a questão fundamental que daí deriva consiste precisamente na busca de um princípio racional em que se sustenta a cisão do homem em prol de um além, de uma essência divina projetada, em todo caso, para fora de si.

Nesta confrontação, é certo que este pensador não ignora a circunstância de que as origens desta vertente do idealismo encontram-se já na perspectiva neoplatônica iniciada entre os séculos II e III da era cristã pela escola de Alexandria (através de Amônio Sacas) e ampla e profundamente desenvolvida pelos filósofos Filo, Plotino e Proclo, no sentido último de uma desvalorização do conhecimento sensível, do real, do corpo, em proveito do inteligível, do abstrato (FEUERBACH, 1988b, p. 60).

O ápice deste longo e tortuoso percurso da metafísica identifica-o na lógica hegeliana, denunciada como o elemento fundamental da filosofia especulativa entendida como teologia – uma vez que “a filosofia moderna (...) nada mais é do que a teologia

resolvida e metamorfoseada em filosofia” (FEUERBACH, 1988b, p. 60). É o que ele expressa na seguinte passagem (1988c, p. 21):

A lógica hegeliana é a teologia reconduzida à razão e ao presente, a teologia feita lógica. Assim como o ser divino da teologia é a quintessência ideal ou abstrata de todas as realidades, isto é, de todas as determinações, de todas as finidades, assim também é a lógica. Tudo o que existe sobre a Terra reencontra-se no céu da teologia – assim também tudo o que existe na natureza reencontra-se no céu da lógica divina (...). A essência da teologia é a essência do homem, transcendente, projetada para fora do homem; a essência da lógica de Hegel é o pensamento transcendente, o pensamento do homem posto fora do homem.

Ou seja: primeiro momento, Feuerbach critica a inversão que Hegel perfaz entre sujeito e predicado, atribuindo o papel de elemento primordial a este e de elemento condicionado ou derivado a este. Há mais: a partir da consideração do inteligível como princípio da realidade, elabora-se a ideia de Deus como esse princípio fundante, estruturado, doravante, em termos racionais. Sob essa óptica, concebido como ente que pensa e cria a si mesmo e a tudo o mais, Deus é então convertido em uma “unidade ininterrupta consigo mesmo” (FEUERBACH, 1988b, p. 47), independente do homem e culminância da própria teologia e da própria filosofia.

Várias as denominações: neoplatonismo, idealismo, transcendentalismo, todas, no entanto, variações de um mesmo movimento de cisão do homem e de criação de uma entidade que sói identificar com o próprio pensamento, entendendo-se alcançada a união entre *ser* e *pensar* pretendida por Parmênides e a final idealizada pela teologia. A partir daí – aduz Feuerbach (1988b, p. 74) –,

só na essência se satisfaz o homem. Substitui a carência do ser real por um ser ideal, isto é, supõe agora a essência da realidade abandonada ou perdida às suas representações e pensamentos – a representação já não é para ele nenhuma representação, mas o próprio objeto; a imagem já não é uma imagem, mas a própria coisa; o pensamento, a ideia, é a própria realidade.

Desta forma, em contraposição àquilo que se entende por *religião* (segundo a etimologia proposta por Lactâncio, cuida-se de termo derivado de *religare*⁹), trata-se, para

⁹ Esta é a etimologia proposta por Lactâncio (Lúcio Célio Firmiano Lactâncio, 240 – 320) em sua obra *Divinae Institutiones (Instituições Divinas)*, uma das primeiras e mais reverenciadas apresentações sistemáticas do pensamento cristão. Cfr. Cristiane A. de Azevedo, *À procura do conceito de religio: entre o relegere e o religare*. *Religare*, 7 (1) (Mar./2010), p. 90-96.

Feuerbach, de um processo que conduz ao que se poderia denominar *desligação* (de *desligare*), condição de alienação que o homem experimenta de si mesmo em direção a um além¹⁰.

Desligação: a cisão do homem consigo mesmo, todavia como uma atividade que lhe é inata, a denunciar a dependência que o homem tem em relação à natureza, que denuncia a sua essência infantil:

A religião é essencial ou inata no homem; não a religião no sentido da teologia ou do deísmo, da própria crença em um deus, mas a religião enquanto nada mais expressa que o sentimento de finitude e dependência da natureza por parte do homem. (FEUERBACH, 1989, p. 37)

Calha, no ponto, uma observação: embora inata, a disposição do homem para sua cisão somente alcança seu ápice quando imagina Deus como uma entidade que lhe é além, anteposta e mesmo contraposta.

Tudo aquilo que não é mas deseja ser, o homem transforma em um deus ou é seu deus. O cristão deseja ser um ser perfeito, livre de pecados, não-sensorial, livre de qualquer necessidade corporal, feliz, imortal, divino, mas não o é; por isso, concebe aquilo que quer ser e que espera ser um dia como um ser distinto dele a que chama Deus, mas que no fundo nada mais é do que a essência de seus próprios desejos sobrenaturais, portanto sua própria essência ultrapassando os limites da natureza. (FEUERBACH, 1989, p. 196)

Ora, esta culminância ocorre em momento definido: “na noite da ignorância, na dificuldade, na falta de recursos, na incultura” (FEUERBACH, 1989, p. 176), pois

a fonte e o poder da superstição é entretanto o poder da ignorância e da estupidez que é o maior poder sobre a terra, o poder do medo ou do sentimento de dependência e finalmente o poder da imaginação que transforma num ser ou espírito ou deus mau todo mal cuja causa o homem desconhece (...)

Nada é mais humano, nada mais difundido do que a estupidez, nada mais natural, mais inato no homem do que a ignorância.

A causa teórica negativa ou pelo menos a condição de todos os deuses é pois a ignorância do homem, sua incapacidade de se conceber dentro da natureza. (FEUERBACH, 1989, p. 184)

¹⁰ Assim, malgrado Feuerbach use o termo *religião* para indicar a cisão do homem, neste texto o resguardamos para vinculá-lo ao processo de reunidade do homem a si mesmo a partir de uma nova perspectiva filosófica – como pretendemos evidenciar no terceiro movimento. Por tais razões, sempre que aludirem à referida cisão do homem consigo mesmo, os textos de Feuerbach serão transcritos com a substituição da palavra *religião* pelo termo *desligação*.

E é aí, neste momento de suprema perdição, que o homem (só e apenas) padece no âmbito da religiosidade, pois “para enriquecer Deus, deve o homem se tornar pobre”, porquanto “a desgraça do homem é o triunfo da misericórdia divina” (FEUERBACH, 1989, p. 68 e 269).

Feitas as contas, na instância da desligião o homem é ninguém, é nada:

Deus não é o que o homem é; o homem não é o que Deus é. Deus é o ser infinito, o homem, o finito. Deus é perfeito; o homem, imperfeito. Deus é eterno; o homem, transitório. Deus é plenipotente; o homem, impotente. Deus é santo; o homem, pecador. Deus e homem são extremos: Deus é o unicamente positivo, o cerne de todas as realidades; o homem é o unicamente negativo, o cerne de todas as nulidades. (FEUERBACH, 1989, p. 77)

Assim é que, sentindo-se preso a seu contrário e por ele em qualquer caso apequenado, denunciado, julgado e condenado (“A crença na vida celestial é a crença na nulidade e imprestabilidade desta vida” (FEUERBACH, 1989, p. 202)), o homem considera este mundo, a sua vida um martírio, um vale de lágrimas, e ele mesmo um pecador, um autotransgressor, e não demora passa a desejar sua projeção em direção a um (a qualquer um) além como forma de libertação de si e do mundo.

Daí o fanatismo religioso. Daí os sacrifícios que o homem pratica inclusive contra si mesmo:

A desligião é o relacionamento do homem com a sua própria essência (...) não como sendo sua, mas de um outro ser diverso dele, até mesmo oposto – aí está a sua inverdade, a sua limitação, a sua contradição com a razão e a moral; aí está a fonte desgraçada do fanatismo religioso; aí o princípio supremo, metafísico, dos sangrentos sacrifícios humanos. (FEUERBACH, 1989, p. 239)

Cisão, fanatismo, sacrifício de si: tantos e tamanhos são os perigos dessa *desvida*. É desse ocaso último – brada Feuerbach – que é preciso recuperar o homem para si mesmo: eis a tarefa que incumbe a uma profunda reflexão sobre a religiosidade.

Segundo movimento: a consiligião

Passar dos fantasmas da fé para os espectros da razão é somente ser mudado de cela.

(Fernando Pessoa,
Livro do desassossego)

Constatada a desligião do homem consigo mesmo, o segundo movimento da orquestração feuerbachiana respeita à adoção de uma atitude crítica quanto à necessidade de reflexão, em bases racionais, sobre a condição humana neste âmbito. No itinerário adotado a par das indicações de Feuerbach, neste momento devemos analisar a importância da *razão* no processo de recondução do homem a si, ou seja, de uma conscientização sobre a religião.

Quiçá se trate, aqui, de uma *consciligião*.

Inicialmente, Feuerbach sustenta que a desligião deve-se, sobretudo, à obstaculização que o homem sofre em sua capacidade de contemplação teórica quando esta é anuviada pela contemplação prática – a qual em todo caso consiste em uma espécie de reflexão, mas “impura, maculada pelo egoísmo, pois nela eu me relaciono com uma coisa só por minha causa – uma contemplação não satisfeita em si mesma, pois eu me relaciono com um objeto ao qual eu não me equiparo” (FEUERBACH, 1989, p. 237)¹¹.

Para Feuerbach, trata-se, portanto, de o homem recuperar a capacidade de contemplação teórica e, com isso, inverter a assinalada equação entre sujeito e predicado proposta pelo neoplatonismo e agasalhada na teoria de Hegel. Isso porque

A desligião nada sabe de antropomorfismos; os antropomorfismos não são para ela antropomorfismos. A essência da religião é exatamente que para ela essas qualidades expressam a essência de Deus. Somente a *razão* que reflete sobre a religião, ao defendê-la e ao negá-la diante de si mesma, declara-a como sendo imagens. (FEUERBACH, 1989, p. 67)

Ora, fundada na *razão*, a *consciligião* não é senão a percepção acerca daquilo que distingue homens e animais: a consciência “no sentido rigoroso e próprio”, qual seja aquela que capacita os seres humanos à “imaginação, à fantasia, à representação, à opinião” (FEUERBACH, 1989, p. 43-45) sobre sua própria quiddidade, ou seja, sobre aquilo que lhe é mais essencial, aquilo que lhe faz homem na relação consigo mesmo e de interdependência que cada indivíduo mantém com os demais.

¹¹ Sobre o uso do termo *consciligião*, remete-se, por analogia, às razões expostas na nota 27.

Nesse contexto, a consiligião consiste em um impulso fundamental, ínsito às próprias ideias de homem e de humanidade, aquilo que peculiariza cada um em meio e junto aos demais e os dota da capacidade de objetivar as coisas e de se relacionar a elas de forma a compreender a si mesmo, no movimento que a palavra délfica tornou conhecido através da expressão *conhece-te a ti mesmo*:

Por isso toma o homem consciência de si mesmo através do objeto (...) Também a lua, o sol e as estrelas gritam para o homem o *gnôthi sautón*, o conheça-se a si mesmo. Pelo fato de ele os ver e os ver da forma como os vê tudo isso já é um testemunho de sua própria essência. O animal só é atingido pelo raio de luz necessário para a sua vida, mas o homem também pelo brilho indiferente da mais distante estrela. Só o homem possui alegrias e sentimentos puros, intelectuais, desinteressados – só o homem promove os espetáculos teóricos dos olhos (...) O olho é de natureza celestial. Por isso eleva-se o homem acima da terra somente através do olho; por isso inicia-se a teoria com a contemplação do céu. Os primeiros filósofos foram astrônomos. O céu lembra ao homem o seu desígnio, lembra-o de que ele não nasceu somente para agir, mas também para contemplar. (FEUERBACH, 1989, p. 47)

A consiligião é a *consciência a respeito da religião*, ou seja, da cisão e da necessidade de reunidade do homem consigo mesmo. Daí ressaí que, se é certo que a consiligião é a consciência de si do homem, tem-se que “a consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo; o conhecimento de Deus, o conhecimento que o homem tem de si mesmo” (FEUERBACH, 1997, p. 55). Nas palavras de Feuerbach (1989, p. 61):

A necessidade de que Deus seja sábio, bom, justo etc. não é imediata, idêntica à essência do homem, mas sim uma necessidade que existe por meio da consciência que o homem tem de si mesmo, por meio da atividade do pensamento.¹²

A consiligião: eis, aí, portanto, retratado em todas as cores e matizes, o fundamento da conhecida frase de Feuerbach: “O mistério da teologia é a antropologia” (FEUERBACH, 1988c, p. 19; 1997, p. 250).

O que chega de Deus ao homem vem ao homem somente a partir do homem em Deus, i. e., chega ao homem consciente a partir da essência do homem (...) Portanto, entre a revelação divina e a chamada razão ou

¹² Já se observou que essa ideia não é nova e já aparece em fragmentos do filósofo pré-socrático Xenófanes, in *Os pré-socráticos – fragmentos, doxografia e comentários*, 2 ed. Tradução de Anna L. A. de A. Prado. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores). p. 64.

natureza humana não existe distinção a não ser ilusória – também o conteúdo da revelação divina é de origem humana, pois ele não surge de Deus enquanto Deus, mas de um Deus determinado pela razão humana (...). (FEUERBACH, 1997, p. 250)

Mais ainda, então: a consiligião é o que permite então encontrar-se em si após haver-se perdido de si. Trata-se da contemplação que permite a retomada no sentido da autoafirmação, da autoconformação, da autoconfirmação da divindade no homem, o que somente é possível porque “o divino só pode ser conhecido pelo divino” ((FEUERBACH, 1997, p. 51).

Trata-se, enfim, da base de uma nova filosofia, de um novo modo de querer, pensar e amar que Feuerbach denomina de *filosofia do futuro*.

Terceiro movimento: para uma religiosofia

Não, não há porque mentir ou esconder
a dor que foi maior do que é capaz meu
coração
Não, nem há porque seguir cantando só para
explicar
Não vai nunca entender de amor quem
nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim, seguir sozinho
assim
até me consumir ou consumir toda essa dor
até sentir de novo o coração capaz de amor

(Geraldo Vandré,
Pequeno concerto que virou canção)

Se no primeiro plano a *vontade* implica a cisão do homem e se, segundo plano, a necessidade de sua reintegração é evidenciada pela *consciência*, o terceiro movimento da orquestração feuerbachiana consiste, neste âmbito, na efetivação de tal reunidade, no reapossamento de si do homem.

Eis o objetivo declarado de Feuerbach (1989, p. 28):

Interessa-me acima de tudo, e sempre me interessou, iluminar a obscura essência da religião com a luz da razão, para que finalmente os homens parem de ser explorados, para que deixem de ser joguetes de todos aqueles poderes inimigos da humanidade (...).

No itinerário traçado pelo filósofo, nessa tal emancipação do homem é onde e quando tem ocasião o *amor*, que – ressalte-se – “não é uma forma de religião (...): é a essência da religião” (FEUERBACH, 1988a, p. 14). Daí porque “a nova religião será o amor do homem pelo homem. Todas as respostas terão que ser encontradas num quadro estritamente humano, porque o Homem é para si a sua própria providência” (ALEIXO, 2009, p. 35).

Para tanto, é necessária uma nova filosofia, a “negação não contraditória” da filosofia especulativa hegeliana, “negação que não fica presa ao ponto de vista que nega” (HUISMAN, 2001, p. 369).

É o que Feuerbach entende por *teologia especulativa*, que se diferencia da teologia comum porque enquanto esta “tem os seus fantasmas na imaginação sensível, a teologia especulativa (os tem) na abstração não sensível”, ou seja, “*transpõe para o aquém*, isto é, *atualiza, determina e realiza* a essência divina, que a outra exilava para o além, por medo e estupidez” (FEUERBACH, 1988c, p. 22 e 19, respectivamente).

Dito de outra forma:

Na teologia ordinária, o Deus supra-humano é somente uma flor de retórica edificante, uma representação, um brinquedo da fantasia. Na teologia especulativa, pelo contrário, é verdade e coisa terrivelmente séria. A contradição violenta com que a filosofia especulativa deparou deve-se apenas ao fato de ela ter feito do Deus que no teísmo é apenas um ser da fantasia, um ser longínquo, indeterminado e nebuloso, um ser presente e determinado, e ter assim destruído o encantamento ilusório que um ser longínquo possui na bruma azulada da representação. (FEUERBACH, 1988b, p. 44)

Feuerbach assinala a necessidade de um *novo nome* para essa nova forma de pensar: trata-se, quiçá, de uma *religiosofia*: a uma, porque se afasta da carga deletéria que a expressão *filosofia especulativa* (e *escolástica*) possui em seu pensamento e, a duas, porque conjunta aos elementos de uma nova forma de pensar que objetiva a desmistificação da religião em busca da reintegração do homem¹³.

O próprio Feuerbach (1988a, p. 15) apresenta essa nova perspectiva, cumeeira de seu pensamento:

A filosofia toma o lugar da religião. Mas é justamente por isso que também uma filosofia totalmente diversa entra para o lugar da antiga.

¹³ Sobre o uso do termo *religiosofia*, remete-se, por analogia, às razões expendidas na nota 27.

A filosofia prevalente não pode substituir a religião; ela era filosofia, mas nenhuma religião. Deixava fora de si a essência peculiar da religião, pretendia unicamente a forma do pensamento.

Para substituir a religião, a filosofia deve tornar-se *religião* enquanto filosofia, deve introduzir em si mesma, de um modo a ela conforme, o que constitui a essência da religião, o que faz a vantagem da religião sobre a filosofia.

Com efeito, uma vez que “a unidade divina no homem é a unidade da *vontade*, da *razão* e do *amor*” (FEUERBACH, 1997, p. 45)¹⁴, é lícito questionar:

Qual é a essência do homem, da qual ele é consciente, ou o que realiza o gênero, a própria humanidade do homem? A vontade, a razão e o coração. Um homem completo possui a força da vontade e a força do coração. A força da vontade é a energia do caráter, a força do pensamento é a luz do conhecimento, a força do coração é o amor. Vontade, razão, amor são perfeições, são os mais altos poderes, são a essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade de sua existência (...) a essência verdadeira é a que quer, a que pensa, a que ama. Verdadeiro, perfeito, divino é apenas o que existe em função de si mesmo. A trindade divina no homem e que está acima do homem individual é a unidade de vontade, razão e amor. (FEUERBACH, 1997, p. 45)

A religiosofia é a nova filosofia que permite (impõe mesmo) a transcendência do homem para si, para o aquém, arrimada, doravante, na intuição (ou *intéocão*¹⁵), princípios supremo que consegue transformar a política em religião” (FEUERBACH, 1988a, p. 16).

Em uma expressão de nossos tempos, cuida-se do *amor de si*, da festa da reunidade com aquilo que lhe é mais próximo, uma vez que o homem cinde-se na desligião apenas para voltar a si; nega-se para se afirmar adiante como o *ser trinindiviso* que é, posto suficientemente capaz de acolher a *vontade*, a *razão* e o *amor* sem despedaçar-se, sem liquefazer-se, sem perder-se.

“Em suma – diz Feuerbach (1988a, p. 16) –:

Devemos resumir em um princípio supremo, em um vocábulo supremo, aquilo em que queremos nos tornar; só assim santificamos nossa vida (...) Só assim nos libertamos da contradição que, presentemente, envenena o mais íntimo de nós mesmos: da contradição entre nossa vida e nosso pensamento (...) Devemos, pois, tornar-nos novamente religiosos (...)

¹⁴ A par do itinerário delineado para este escrito, alterou-se ordem dos elementos constantes da frase de Feuerbach.

¹⁵ Proposta de etimologia: *in – théos* = deus em si.

Eis aí a dicção, clara e precisa, do mistério da encarnação, do mistério da fé, do mistério da ressurreição, do mistério da providência: o amor de Deus expresso no verbo, na palavra poética que é a *oração*:

A mais profunda essência da religião manifesta-se em seu ato mais simples: a oração (...), a oração que expressa aquele poder do coração que arremessa o homem ao chão (...) A oração é o encontro do coração humano consigo mesmo, com a sua própria essência (...) A oração é a cisão do homem em dois seres (todavia, não uma desligião) – um diálogo do homem consigo mesmo (...) Na oração, o homem volta-se à onipotência da bondade – isso nada mais significa que: na oração o homem adora o seu próprio coração, ele contempla a essência de sua afetividade como o ser mais elevado, divino. (FEUERBACH, 1997, p. 99, 162 e 166)

Trata-se, bem se vê, da *inversão da inversão* preconizada pelo idealismo neoplatônico/hegeliano, sem, todavia, que haja qualquer preponderância entre os elementos que constituem o ser humano: a *vontade*, a *razão* e o *amor* queridos, pensados e sentidos como a trindade fundamental e indissociável que compõe o *locus* ético chamado homem.

Trata-se, do mesmo modo, de uma alternativa ao panteísmo de matiz espinosano, sugerindo-se aquilo que o próprio Feuerbach (1988c, p. 23) denomina *antropoteísmo*:

O teísmo baseia-se no *conflito* entre a *cabeça* e o *coração*; o panteísmo é a supressão dessa cisão *na cisão* – pois torna imanente o ser divino apenas como *transcendente*. O antropoteísmo é a supressão da cisão *sem cisão* (...) O antropoteísmo é a *religião autoconsciente* – a religião que a si mesmo se compreende.

Daí porque uma tal religiosofia requer uma nova forma de expressão, uma nova arte, uma *poesofia* em que a dor da existência é mesmo querida, afirmada como condição de humanidade:

A consciência resoluto, tornada carne e sangue, de que o humano é o divino e o finito é o infinito é a fonte de uma nova poesia e arte, que suspenderá em energia, profundidade e chama todas as artes precedentes.
A fé no além é uma fé absolutamente apoética. A dor é a fonte da poesia. Só quem experimenta a perda de um ser finito como perda infinita tem força para o fogo do lirismo. (FEUERBACH, 1988c, p. 23)

E daí porque, a final, uma tal religiosofia não significa um endeusamento do homem (FEUERBACH, 1989, p. 33 e ss.); tampouco se funda em abstracionismos de qualquer matiz e nem tem o homem como conceito ou objeto, porque aí a filosofia confessa a circunstância de que sua miséria e sua grandeza radicam unicamente no homem que simultaneamente se sabe finito (real) e infinito (divino), em quem harmonicamente (ou seja, dolorosa e prazerosamente) coincidem *querer, pensar e amar*.

Este o âmbito da “verdadeira filosofia” (FEUERBACH, 1988c, p. 24): reconhecer o finito como infinito, reconhecer o homem como um indigente, mas (ou portanto) como um indigente deus. Reconhecer – e não, frise-se, conceituar, instituir ou determinar – o homem como originador e portador, ele mesmo, da centelha divina que lhe alumia a existência.

Sob esta óptica, sua vivência passa a ser o *locus* ético no qual o *ser humano* propriamente se objetiva em toda a sua inteireza, superados todos e quaisquer falsos antagonismos que se pretenda, e animado, por isso mesmo, de um ilimitado impulso existêntivo que sói conhecer por *integridade*.

Na palavra poeufística de Feuerbach (1988b, p. 82):

Se a antiga filosofia dizia: *o que não é pensado não existe*, então, pelo contrário, a filosofia nova diz: *o que não é amado, o que não se pode amar não existe (...)*

O amor, não só no plano objetivo, mas também subjetivo, é o critério do ser – o critério da verdade e da realidade efetiva. *Onde não há amor também não há verdade alguma. E só é alguma coisa quem algo ama.*

Uma *nova filosofia*: perspectiva que fundamenta a unidade divina, no homem, da *vontade*, da *razão* e do *amor*, quando então lhe é dado se vislumbrar como *locus* ético de uma existência íntegra.

Ora, e não é este o sentido mais ancestral e próprio do *filosofar*: o amor pelo saber que nos torna homens humanos?

Que o ribeiro continue fluindo e abrasando...

Referências

ALEIXO, Alice. **Ludwig Feuerbach**: um manifesto antropológico. Covilhã: LusoSofia, 2009. (Coleção Artigos LusoSofia)

ALVES, Rubem. Apresentação. In: FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. 2 ed. Tradução de José da Silva Brandão. Campinas: Papyrus, 1997. p. 7-15.

ASSUMPÇÃO, Gabriel Almeida. **Sobre a fé**: confrontando Kant e Feuerbach. *Kínesis*, v. VI, n. 11 (Jul./2014), p. 88-96. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/7_gabrielassumpcao.pdf>.

AZEVEDO, Cristiane A. de. **À procura do conceito de religio**: entre o *relegere* e o *religare*. *Religare*, 7 (1) (Mar./2010), p. 90-96.

CHAGAS, Eduardo F. A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach. In: _____; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenez de (Orgs.). **Homem e natureza em Ludwig Feuerbach**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. (Série Filosofia). p. 37-65. Disponível em: <<https://efchagasufc.files.wordpress.com/2012/04/texto-completo-1.pdf>>.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo** (título original: *Der Wessen des Christentums*). 2 ed. Tradução de José da Silva Brandão. Campinas: Papyrus, 1997.

FEUERBACH, Ludwig. **Necessidade de uma reforma da filosofia**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988a. (Coleção Textos Filosóficos). p. 13-18.

FEUERBACH, Ludwig. **Preleções sobre a essência da religião** (título original: *Vorlesungen über das Wessen der Religion*). Tradução e notas de José da Silva Brandão. Campinas: Papyrus, 1989.

FEUERBACH, Ludwig. **Princípios da filosofia do futuro** (título original: *Grundsätze der Philosophie der Zukunft*). Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988b. (Coleção Textos Filosóficos). p. 37-100.

FEUERBACH, Ludwig. **Teses provisórias para uma reforma da filosofia**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988c. (Coleção Textos Filosóficos). p. 19-36.

HUISMAN, Denis. **Dicionário dos filósofos**. Tradução de Cláudia Berliner et al. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARX, Karl. **A ideologia alemã (Feuerbach)** (título original: *Die Deutsche Ideologie. Kritik der neuesten deutschen Philosophie in ihren Repräsentanten Feuerbach, B. Bauer und Stirner, und des deutschen Sozialismus in seinen verschiedenen Propheten*). 11 ed. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1999. (Coleção Pensamento Socialista, 12)

MORÃO, Artur. Advertência do tradutor. In FEUERBACH, Ludwig. **Princípios da filosofia do futuro e outros textos**. Lisboa: Edições 70, 1988b. (Coleção Textos Filosóficos). p. 9-11.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragments do espólio** (primavera de 1884 a outono de 1885). Seleção, tradução e prefácio de Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

PAULA, Márcio Gimenes de. **O futuro de uma ilusão**: algumas reflexões entre Feuerbach e Freud. Revista AdVerbum, a. 2, n. 2 (Jul.-Dez./2007), p. 161-171. Disponível em:

<http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/Vol2_2/feuerbach%20freud.pdf>.

SARTÓRIO, Lúcia Aparecida Valadares. **A antropologia de Feuerbach** – e alguns delineamentos acerca de uma possível influência no pensamento de Marx. Dissertação. PUC-SP, 2001. 129 p.

SILVA, Jadson Teles. **A influência de Feuerbach na crítica kierkegaardiana ao cristianismo**. Revista Pandora Brasil, n. 23 (Out./2010), p. 2-10. Disponível em: <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/Kierkegaard/jadson.pdf>.

XENÓFANES DE COLOFÃO. Fragmentos. In: **Os pré-socráticos** – fragmentos, doxografia e comentários. 2 ed. Tradução de Anna L. A. de A. Prado. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores). p. 59-72.